

**LINGÜÍSTICA COGNITIVA E ESTUDOS GRAMATICAIS DA LIBRAS:
SINAIS TÉCNICOS EM SAÚDE E BIOSSEGURANÇA**

*COGNITIVE LINGUISTICS AND GRAMMATICAL STUDIES OF LIBRAS:
TECHNICAL SIGNS IN HEALTH AND BIOSAFETY*

Gildete da S. Amorim Mendes Francisco¹

Saulo Cabral Bourguignon²

Gláucio de Castro Júnior³

RESUMO

A intensificação das políticas públicas voltadas ao reconhecimento da Libras como língua oficial impulsionou o desenvolvimento de materiais bilíngues e a produção de glossários especializados. Este artigo tem como objetivo analisar os mecanismos linguísticos, gramaticais e cognitivos envolvidos na criação de sinais-termo em Libras, com foco em áreas técnicas como a Biossegurança e a Saúde. Fundamentado na linguística cognitiva, o estudo destaca a corporeidade como princípio estruturante da língua de sinais, associando a iconicidade à experiência sensório-motora e aos contextos socioculturais da comunidade surda. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritivo-analítica, articulando conceitos de lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia. A multimodalidade é apresentada como estratégia metodológica essencial para o registro e a validação de sinais, valorizando recursos visuais e sinalizados na construção de glossários acessíveis. A análise de fichas terminológicas revela a relevância da terminografia bilíngue como ferramenta de ensino e promoção da acessibilidade linguística em contextos de saúde. Por fim, observa-se que o modelo proposto por Francisco (2022) contribui para esta pesquisa ao propor uma estrutura de registro lexical que articula práticas de educação lexicográfica com os fundamentos da linguística cognitiva, reafirmando que a definição de um sinal-termo ultrapassa a descrição formal e deve refletir os processos cognitivos e socioculturais que o constituem. Enquanto língua visual-espacial, a Libras revela como os significados emergem da interação do corpo com o mundo físico e social.

PALAVRAS-CHAVE: Multimodalidade. Construção lexical. Corporeidade na Libras.

ABSTRACT

The intensification of public policies aimed at recognizing Libras as an official language has driven the development of bilingual materials and the production of specialized glossaries. This article aims to analyze the linguistic, grammatical, and cognitive mechanisms involved in the creation of technical signs in Libras, focusing on technical fields such as Biosafety and Health. Grounded in Cognitive Linguistics, the study highlights embodiment as a structuring principle of sign language, linking iconicity to sensorimotor experience and to the sociocultural contexts of the Deaf community. The research adopts a qualitative, descriptive-analytical approach, articulating concepts from lexicology, lexicography, terminology, and terminography.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), gildeteamorim@id.uff.br, <https://orcid.org/0000-0001-5185-2092>.

² Universidade Federal Fluminense (UFF), saulocb@id.uff.br, <https://orcid.org/0000-0003-2098-8880>.

³ Universidade de Brasília (UnB), librasunb@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0003-3002-5308>.

Multimodality is presented as an essential methodological strategy for the documentation and validation of signs, valuing visual and signed resources in the construction of accessible glossaries. The analysis of terminological entries reveals the relevance of bilingual terminography as a tool for teaching and promoting linguistic accessibility in health-related contexts. Finally, it is observed that the model proposed by Francisco (2022) contributes to this research by offering a lexical registration structure that integrates lexicographic education practices with the foundations of Cognitive Linguistics, reaffirming that the definition of a technical sign goes beyond formal description and must reflect the cognitive and sociocultural processes that constitute it. As a visual-spatial language, Libras reveals how meanings emerge from the interaction between the body and the physical and social world.

KEYWORDS: Multimodality. Lexical construction. Embodiment in Libras.

Introdução

A partir da Lei 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto 5.626/2005, observa-se uma intensificação das pesquisas linguísticas voltadas à tradução, à produção de materiais e ao fortalecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Esse crescimento tem impulsionado a elaboração de glossários e dicionários nas mais diversas áreas do conhecimento, promovendo práticas de acessibilidade linguística e cultural que asseguram a integração de pessoas Surdas.

Esse movimento, além de ampliar o repertório lexical da Libras, também provoca reflexões mais profundas sobre os mecanismos que sustentam sua organização interna e os processos que orientam sua construção de sentido. Os aspectos formais da Libras e os fundamentos cognitivos permeiam sua estruturação e uso, assim como a interface entre linguagem, cognição e experiência é especialmente relevante na construção de materiais bilíngues, pois os sinais são representações significativas de contextos socioculturais e perceptivos compartilhados.

A construção de sinais-termo em Libras emerge de processos cognitivos corporificados (Lakoff; Johnson, [1980] 2002; Johnson, 2007), nos quais o sujeito surdo ativa experiências sensório-motoras, organiza informações no espaço e mobiliza imagens mentais (Langacker, 2008; Silva; Silva; Melo, 2015). Por sua vez, a iconicidade, fortemente presente nas línguas de sinais (Wilcox, 2004; Brito, 2010), está aliada à vivência cultural e linguística dos usuários da Libras (Skliar, 1998; Strobel, 2008) e configura um cenário no qual a terminografia bilíngue requer abordagens que articulem cognição, corporeidade e contexto sociocultural.

De acordo com Santos (2011, p. 17): “processos mentais não são autônomos, mas dependentes de experiências, que se formam por meio de negociações semânticas de nosso contato com o mundo, sem dissociações com nossa percepção sensitiva”. No contexto da produção terminográfica, destacam-se os desafios específicos da elaboração de materiais bilíngues envolvendo a Libras, sobretudo quanto à representação semântico-conceitual de termos técnicos na área da saúde.

Com base no exposto, o principal objetivo desta pesquisa foi identificar, no processo de elaboração e organização de sinais-termo da obra de Francisco (2022), construções linguísticas que evidenciam a corporeidade como princípio estruturante da Libras. Além disso, buscou-se explorar teorias linguísticas vinculadas aos estudos cognitivos corporificados que contribuam para descrever

e explicar os mecanismos cognitivos e gramaticais envolvidos na criação de sinais técnicos nas áreas de Biossegurança e Saúde.

A estrutura da apresentação deste estudo é pautada no seguinte encadeamento de ideias: inicia-se com uma fundamentação teórica que constrói as bases conceituais necessárias para a análise da relação entre a linguística cognitiva e o léxico organizado. Primeiramente, são explorados os estudos gramaticais na Libras, com ênfase nos elementos que sustentam a formação dos sinais. São apresentados conceitos de gramaticalidade, iconicidade e cognição, interagindo com a temática da saúde.

A abordagem gramatical se articula com os pressupostos da linguística cognitiva, que amplia a compreensão do funcionamento da Libras e enfatiza a relação entre forma e significado a partir de conceitos como metáforas cognitivas e esquemas imagéticos. Essa conexão no contexto visual-gestual da Libras ganha força no campo da Saúde, onde a experiência corporal se mostra essencial para a criação de sinais compreensíveis.

Na sequência, o texto avança para uma discussão sobre lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia, delineando suas especificidades e mostrando como se complementam na proposta de criação e registro de sinais especializados. A multimodalidade – vídeos, imagens, descrições escritas e sinalizadas – surge como estratégia nesse processo e subsidia a construção metodológica do estudo, que adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-analítico.

Por fim, a análise das fichas terminológicas em Biossegurança e Saúde acompanham a explicitação dos critérios linguísticos, gramaticais e cognitivos utilizados na criação dos sinais-termo, destacando a contribuição da terminografia multimodal como ferramenta que potencializa o ensino, a interpretação e a acessibilidade em contextos de saúde.

1. Fundamentação teórica

A compreensão dos estudos gramaticais formais ajuda a entender a estrutura física dos sinais, enquanto a linguística cognitiva oferece uma lente para compreender como o significado é construído com base em experiências e na cognição humana. Nesse escopo, a forma do sinal (estrutura) está conectada ao significado (cognição) – e essa articulação é fundamental para compreender como a Libras funciona como uma língua natural e complexa.

1.1. Critérios de seleção e métodos de análise

As discussões contemplam produções científicas articuladas entre a gramática das línguas de sinais e a linguística cognitiva, com ênfase nas especificidades da Libras enquanto língua natural, visual-espacial e multimodal. Optou-se por não delimitar um período específico para o levantamento bibliográfico. Em vez disso, foram selecionados autores representativos em cada eixo temático, com ênfase nos teóricos da linguística cognitiva aplicados à Libras. As buscas foram realizadas em bases de dados amplamente reconhecidas, como o Google Acadêmico e a SciELO, priorizando a combinação

entre estudos já consolidados e produções recentes, de modo a contemplar diferentes perspectivas sobre as temáticas investigadas.

A escolha das categorias descritivas – como gramaticalidade, iconicidade e cognição – foi guiada pela necessidade de compreender a construção do significado na Libras a partir de suas estruturas formais, mas também de seus fundamentos cognitivos e semióticos. A partir dessas três categorias, destacam-se exemplos e descrições que abordam desde a estrutura articulatória dos sinais até os processos metafóricos e metonímicos que participam da organização conceitual na língua, escolhidos por representarem fenômenos linguísticos relevantes para uma análise em contextos específicos, como o da saúde, onde a clareza referencial e a iconicidade dos sinais são essenciais para a comunicação.

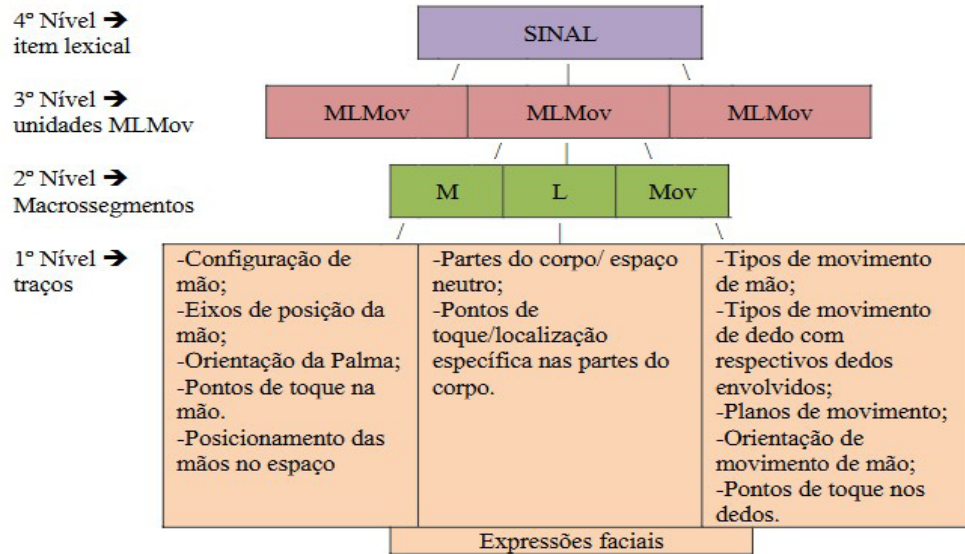
As ocorrências que ilustram o uso de localizadores, a duplicação pronominal e a construção espacial dos referentes foram incluídas por revelarem a complexidade sintática e discursiva da Libras, com base em autores como Quadros e Karnopp (2004). No campo da terminologia técnica, essa abordagem descritiva demonstra como o espaço sinalizado é funcionalmente explorado para marcar participantes, ações e relações semânticas. Em se tratando de metáforas conceituais e esquemas imagéticos, foram integrados estudos que exemplificam o papel da cognição na organização do léxico e na criação de sinais.

Por fim, estudos referentes às abordagens lexicológicas, terminográficas e multimodais foram incluídos por fornecerem o suporte teórico e metodológico necessário à criação e ao registro de sinais especializados. Ancorada em pesquisas como Barbosa (1990), essa etapa possibilitou aprofundar a compreensão sobre os aspectos que envolvem a seleção e a descrição do léxico técnico de forma sistematizada, sensível à variação linguística e atenta às demandas comunicativas da Libras em contextos de especialidade.

A base empírica nos estudos revisados é composta por diferentes abordagens metodológicas, incluindo dados qualitativos e quantitativos, contribuindo para a construção de um aporte teórico abrangente e diversificado. Na etapa de análise das fichas terminológicas, vale destacar que os materiais são provenientes de dados primários desenvolvidos pela autora e não estão contemplados nem integram a fundamentação teórica, mas compõem uma análise técnica da corporeidade, que constitui o foco central desta pesquisa.

2. Da forma ao significado: gramaticalidade, iconicidade e cognição na Libras

A gramaticalidade refere-se à conformidade das expressões linguísticas às regras estruturais da língua, envolvendo parâmetros como configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial (Quadros; Karnopp, 2004). Na figura 1, pode-se observar a estrutura articulatória do sinal em Libras.

Figura 1: Estrutura articulatória do sinal em Libras

Fonte: Lessa-de-Oliveira, Matos e Sampaio (2021, p. 235).

De acordo com Prado e Oliveira (2013, p. 3286), o processo de referenciação dos localizadores na Libras pode ocorrer de duas formas: “acompanhando outros sinais dentro de um sintagma; ou isolados, servindo-os como argumentos de verbos”. Em outras palavras, as autoras explicam como a língua marca os referentes (pessoas, objetos ou entidades de que se fala) no espaço discursivo.

Trazendo para o contexto da saúde, pode-se exemplificar o primeiro caso descrito (localizador dentro de um sintagma): sinais como “dor”, “exame”, “medicamento”, “ferida” podem ser combinados com localizadores para precisar o local anatômico ou a ação em um ponto do corpo ou espaço. Por exemplo, se o paciente sinaliza DOR e em seguida, aponta para o estômago, esse apontamento funciona como localizador dentro do sintagma – indicando onde está a dor: **SINAL: DOR + [apontar região abdominal] → “dor no estômago”**.

Por outro lado, os localizadores como argumentos de verbos (referenciação das pessoas) assumem que o espaço à frente do corpo do sinalizador é usado para representar os participantes da interação ou da narrativa, e no contexto da saúde podem ocorrer por meio de orientações/instruções médicas.

Na primeira pessoa, o sinalizador aponta para si, e como exemplo pode-se observar: “**EU PRECISAR VACINA**”, em que o localizador é o próprio corpo: o “eu” paciente que precisa da vacina. Na segunda pessoa, o interlocutor pode ser o paciente ou o profissional da saúde, e em um exemplo de atendimento, temos: “**VOCÊ PRECISAR EXAME SANGUE**”, sendo que o profissional usa o espaço para referenciar o paciente.

Na terceira pessoa, o sinalizador aponta para um ponto criando um referente espacial fixo. Vejamos um exemplo de orientação médica para uma mãe surda, em que o profissional associa o espaço à direita com a criança (3ª pessoa) e continua referenciando esse ponto ao longo do diálogo: “**SEU FILHO (aponta para o lado direito) VACINA HOJE, DEPOIS MÉDICO VER**”.

A gramaticalidade na Libras não se limita à estrutura isolada dos sinais, mas também se expressa na construção sintática, na ordem dos constituintes e nas marcas não manuais que codificam aspectos gramaticais como negação, perguntas ou topicalização. Segundo Da Silva (2021, p. 31): “a gramaticalidade é analisada pela alteração dos movimentos, ritmos ou da forma do percurso do sinal, principalmente na classe dos verbos de concordância, na marcação de número nos substantivos e em classificadores”.

Santos *et al.* (2013) citam o estudo de Sze e Lee (2010) e como as línguas de sinais podem apresentar padrões gramaticais raramente encontrados em línguas orais, como o uso duplicado de pronomes em uma mesma frase. Esse fenômeno ocorre, por exemplo, quando o sinalizador aponta inicialmente para um ponto no espaço que representa um referente – como uma pessoa mencionada – e, ao final da frase, repete esse apontamento. Essa repetição não é redundante, mas sim uma estratégia visual para manter a atenção do interlocutor e reforçar a clareza do discurso.

Trata-se de um recurso de indexação espacial, muito comum nas línguas de sinais, que permite ao falante organizar visualmente os participantes da interação e garantir que o tema principal permaneça proeminente ao longo da enunciação. Assim, enquanto nas línguas verbais os pronomes geralmente aparecem apenas uma vez, nas línguas de sinais a duplicação pode ser gramaticalmente funcional, marcando com mais precisão a referência dentro do espaço sinalizado (Santos *et al.*, 2013).

Por sua vez, a iconicidade é uma característica marcante que se manifesta quando a forma do sinal mantém uma semelhança perceptual com seu referente no mundo real, seja a partir da forma, do movimento ou da localização espacial. Diferente da arbitrariedade típica das línguas orais, a iconicidade em Libras contribui para a ancoragem cognitiva dos conceitos, favorecendo a aquisição linguística e o reconhecimento semântico (Salles, 2006).

Langacker (2008) aponta que a iconicidade pode ser observada na maneira como as pessoas organizam e sequenciam os eventos, tanto aqueles que realmente acontecem quanto os que são apenas imaginados ou conceitualizados, durante o processo de comunicação. Portanto, a forma como os eventos são dispostos e apresentados reflete uma correspondência entre a estrutura da comunicação e a sequência lógica dos acontecimentos ou ideias que estão sendo transmitidos.

A iconicidade, regulada pelas estruturas linguísticas da Libras, molda-se às convenções da comunidade surda usuária da língua. Conforme Brito, Souza e Abreu (2021, p. 8): “é um fenômeno presente em todas as línguas, sejam elas orais ou sinalizadas, permeando todos os seus níveis linguísticos”. Em sua pesquisa, os autores relatam variantes para o sinal do vírus SARS-CoV-2 – causador da COVID-19 –, também denominado coronavírus, e explicam a importância da iconicidade na constituição dos termos, especialmente em léxicos emergentes.

Sob a ótica da cognição, o processamento da Libras envolve uma complexa integração de múltiplos canais (manual, facial, corporal) associados tanto à linguagem quanto à percepção visuoespacial. A linguística cognitiva mostra que a forma dos sinais, ainda que icônica, é sistematicamente mapeada em redes semânticas abstratas e estruturada por esquemas imagéticos,

metáforas e metonímias. Assim, a cognição não apenas interpreta a forma, mas a organiza, dá coerência e articula significados em contextos diversos, inclusive na criação de neologismos e sinais-termo técnicos.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48), a “essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos da outra”. No caso das metonímias funcionais, temos como exemplo sinais que utilizam o espaço do tronco e da cabeça como “recipientes” de processos fisiológicos ou mentais. Por exemplo, sinais relacionados a “informação”, “conhecimento” e “memória” frequentemente sinalizam que “colocam” ou “retiram” algo da cabeça.

Quando dizem, por exemplo, “ele tem visão para os negócios”, significa alguém que tem a capacidade de ver além. Nessa frase, visão não está relacionada aos olhos físicos, mas se trata de uma metáfora que utiliza um sentido (visão) advinda de nossa experiência corporal, relacionando, então, com a capacidade que alguém tenha em observar detalhes e possibilidades referente à área de negócios empresariais. (Ferreira, 2014, p. 53).

No contexto da saúde, sinais para “normal”, “estável” ou “saudável” fazem uso de movimentos simétricos, estáticos, que indicam centralidade. Neste caso, observamos a metáfora conceitual “saúde é equilíbrio”, por exemplo. De modo similar, sinais para infecção ou contaminação costumam empregar movimentos que “entram” no corpo, sugerindo que algo externo o invadiu, sendo um reflexo da metáfora “doença é um invasor” presente também na linguagem oral.

Os espaços mentais representam as formas como armazenamos e organizamos o conhecimento, e esquemas imagéticos referem-se a representações visuais ou perceptivas que influenciam nossa compreensão. Esses conceitos fundamentam os processos de metáforas e metonímias e ajudam a dar significado e clareza à comunicação, tornando ideias complexas mais compreensíveis (Sessa; Bernardo, 2021).

3. Lexicologia, terminologia e multimodalidade: abordagens metodológicas para a criação e o registro de sinais especializados

A pesquisa de Barbosa (1990) propôs conceituar e distinguir os seguintes ramos da linguística: lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia. Com relação ao significado de lexicografia, a autora explica:

A palavra também é objeto de exame da *Lexicografia*, que a toma, no entanto, de outro ângulo, de vez que se define como uma tecnologia de tratamento daquela, de compilação, classificação, análise e processamento, de que resulta, por exemplo, a produção de dicionários, vocabulários técnico-científicos, vocabulários especializados e congêneres [...] tem, de fato, caráter metassemiótico multifacetado, na medida em que se articula a vários níveis de estruturação e análise linguística: o primeiro, o das línguas naturais, configuradas como um “discurso semiótico”, como *semiótica-objeto*; o segundo, o do “fazer lexicográfico” – *Lexicografia* como *ciência aplicada* e/ou *tecnologia* – que, por sua natureza, gera um discurso metassemiótico; o terceiro nível, o da ciência lexicográfica – *Lexicografia* enquanto *pesquisa*

fundamental –, que produz um discurso meta-metassemiótico; o quarto, correspondente ao da análise e descrição da ciência lexicográfica, objeto de estudo, nessa instância, da *metalexicografia*, que engendra, por sua vez, um discurso metameta-metassemiótico. (Barbosa, 1990, p. 4, grifos da autora).

Sobre o caráter multissignificativo da lexicografia, Barbosa (1990, p. 7) discorre a respeito das seguintes vertentes: pesquisa fundamental e ciência aplicada. Em sua pesquisa, a autora traz o conceito de vocábulo, entendido como unidade-padrão de um conjunto que resulta nas obras lexicográficas. Segundo afirma, uma obra lexicográfica “[...] recupera, compila, armazena as unidades lexicais, com vistas a resgatar os seus significados, explicando-os com uma metalinguagem definitiva”.

Barbosa (1990) se pauta na visão de Genouvrier e Peytard (1974), onde lexicografia é a técnica dos dicionários e lexicologia é caracterizada pelo estudo científico do léxico. De modo similar, Navarro (2010) descreve as particularidades destes ramos da linguística. Para a autora, lexicografia é descrita como uma atividade que resulta em dicionários, podendo ser também a disciplina que estuda esse trabalho. Já a lexicologia trata do repertório geral de palavras nas mais variadas interpretações – significados, classes gramaticais, composição das palavras, entre outras.

De acordo com Rey-Debove e Morais ([1984] 2001, p. 46), existem duas formas de aprender uma língua: aprendizagem natural (aperfeiçoada pelo uso da gramática e do dicionário) e a aprendizagem artificial (sustentada por verificações de experiências na comunicação). Para os autores, léxico é entendido como:

[...] o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a conjunção da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases duma língua.

O léxico é composto de variação e variantes que ocorrem ao longo dos anos em uma determinada cultura. A esse respeito, é importante considerar a perspectiva apresentada por Biderman (2001, p. 179), que diz: “as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer”.

Com relação à escolha de um léxico para elaboração de uma obra bilíngue, como exemplo os dicionários, Rey-Debove e Morais ([1984] 2001) afirmam que é preciso considerar o conjunto de palavras compreendidas entre o léxico total – língua rica que funciona mal no conjunto da sociedade, mas que exprime muito – e o léxico comum – língua pobre que funciona bem no conjunto da sociedade, mas que exprime pouco. Tais conjuntos de palavras apresentam limites teóricos que, segundo os autores, explicam as variações existentes nos dicionários.

Além disso, o uso de recursos como vídeos, imagens e descrições sinalizadas surge como estratégia no processo de elaboração de obras bilíngues. Nesse escopo, Arruda (2009) apresenta uma proposta de glossário semibilíngue com foco no registro de orientações da Teoria da Multimodalidade. Tuxi (2018, p. 172), explica a importância da estrutura desses materiais.

Nos estudos de glossários bilíngues, ou seja, em que o verbete seja grafado em língua de sinais, acreditamos que o verbete deve conter estruturas que possibilitem ao consulente a compreensão conceitual e estrutural do sinal-termo, ou seja, algumas das estruturas acima não devem ser utilizadas.

A construção do significado na comunicação humana vai além da linguagem verbal, envolvendo diferentes modos de expressão que interagem entre si de forma social e culturalmente situadas. Nesse sentido, Kress (2011, p. 54) explica que os modos semióticos “são recursos socialmente e culturalmente construídos para produzir significado. A imagem estática, a escrita, o *layout*, a música, os gestos, a fala, as imagens em movimento e as trilhas sonoras são exemplos de modos”. Sua teoria se baseia na perspectiva que a linguagem escrita não é a única forma válida de comunicação – isso é uma ideia tradicional, ligada à escola e à impressão.

O tema também é bastante discutido no artigo intitulado “A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e aplicadas” (Cinti; Rodrigues-Pereira, 2022), em que os autores analisam como as informações que compõem os verbetes dos dicionários em Libras-Português são complementadas por elementos multimodais. Na referida pesquisa, foram avaliados o *Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira baseado em linguística e neurociências cognitivas* (Capovilla; Raphael; Maurício, 2009) e o *Dicionário da língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (Capovilla *et al.*, 2019), que conduziram os autores a selecionar os verbetes com impressões multimodais de destaque.

4. Corpo e linguagem: perspectivas baseadas em obras bilíngues em saúde

A relação entre corpo e linguagem tem sido amplamente discutida à luz das teorias da cognição corporificada, que compreendem o pensamento como indissociável das experiências sensorio-motoras que vivenciamos no mundo. Segundo Lakoff e Johnson ([1980] 2002, p. 28), a mente humana não pode ser entendida como uma entidade puramente abstrata e dissociada do corpo:

A mente seria “corporificada”, isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão não seria algo que pudesse transcender o nosso corpo: ela é também “corporificada”, pois origina-se tanto da natureza de nosso cérebro, como das peculiaridades de nossos corpos e de suas experiências no mundo em que vivemos. Com isso, desconstrói-se o dualismo cartesiano entre corpo e mente.

Quadros, Pizzio e Rezende (2009) esclarecem sobre o movimento nas línguas de sinais, enfatizando como ele é percebido e processado, com foco na diferença entre os canais sensoriais auditivo (línguas orais) e visual-espacial (línguas sinalizadas). Na pesquisa experimental relatada pelas autoras, chegou-se ao entendimento de que a exposição a uma língua visual-espacial modifica a percepção de elementos linguísticos, assim como ocorre com línguas orais, provando que o sistema linguístico molda a percepção, independentemente do canal sensorial usado.

As principais dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos não estão ligadas à organização mental ou problemas comunicativos e cognitivos, mas está relacionada à ausência de interações com o meio social; de maneira que esse meio não se encontra preparado o suficiente para compartilhar com esse indivíduo as experiências linguísticas essenciais para que essa aquisição aconteça de maneira espontânea. (Silva; Silva; Melo, 2015, p. 102-103).

Sobre as expressões faciais, Quadros, Pizzio e Rezende (2009) apresentam estudos que comprovam a complexidade neurológica das línguas de sinais: o mesmo sistema muscular (a face) é usado para duas funções distintas, controladas por áreas diferentes do cérebro, dependendo de sua função comunicativa. Em se tratando das emoções por expressão facial, Knapp e Hall (1999, p. 263-264) afirmam que este parâmetro comunica reações cognitivas e interpretativas.

Quando você fica de queixo caído e mantém a boca aberta, sem exibir outros traços de expressão de surpresa, pode estar dizendo que o comentário de outra pessoa é surpreendente ou que você está aturdido com o que foi dito. Algumas vezes as sobrancelhas irão comunicar “estou confuso” ou “duvido”.

Em outras palavras, entende-se que o rosto comunica mais do que emoções – ele transmite interpretações, julgamentos e impactos do que está sendo dito ou vivido na interação. Além disso, interagem com elementos gramaticais obrigatórios para indicar, por exemplo: tipos de frase, que podem ser afirmativas, interrogativas ou condicionais; para dar ênfase na comunicação; em funções sintáticas, como em orações subordinadas, relativas etc. (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009).

Santos *et al.* (2013) tratam da importância de reconhecer e respeitar a estrutura visual-espacial da Libras ao se traduzir e interpretar para pessoas surdas. O destaque dado pelas autoras, reforça que intérpretes se tornem mais sensíveis à lógica visual da Libras e ao modo de pensar das pessoas surdas, oferecendo traduções que realmente façam sentido dentro da sua estrutura cognitiva.

Antunes (2012, p. 28) aborda a relação da cognição com o léxico, afirmando que:

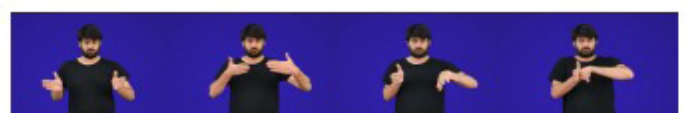
[...] a linguagem intermedeia nossa relação com o mundo [...] Essa relação se dá entre as categorias cognitivas que construímos das coisas ao longo de nossa experiência e as palavras de que a língua vai dispondo para expressar tais categorias. Quer dizer, as palavras são “a representação linguística” dessas categorias cognitivas que construímos e armazenamos [...] O léxico corresponde, assim, ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas.

As Fichas Terminológicas ilustradas nas figuras 2 e 3 estão voltadas para o campo da Saúde e Biossegurança, e são parte de um dos produtos da tese de doutoramento de Francisco (2022). Na pesquisa, essas fichas compõem o Glossário Multilíngue Ilustrado com características multimodais, além de ilustrações, parâmetros de configuração de mãos, localização, escrita de sinais, imagem em realidade aumentada, sinal em Libras e sinais em línguas estrangeiras.

Destaca-se que as fichas selecionadas possuem elementos multimodais (imagem, glossário bilíngue e contextualização em Libras) e foram construídas de forma colaborativa com a comunidade

surda e profissionais da saúde. Além disso, representam cada um dos campos analisados: Saúde e Biossegurança. Quanto aos termos – *imunidade* (Saúde) e *barreira de contenção* (Biossegurança) –, foram escolhidos por serem representativos em suas respectivas áreas, principalmente pela relevância conceitual e frequência de uso que possuem em contextos técnicos e práticos. Em outras palavras, os termos refletem conceitos-chave dentro de suas áreas, comumente utilizados em materiais informativos, protocolos e orientações voltados à prevenção e cuidado.

Figura 2: Ficha do termo “barreira de contenção”

21	FICHA TERMINOLÓGICA		
Termo: Barreira de Contenção; <i>Contention Barrier</i> ; <i>Barrera de Contención</i>			
SW 		Realidade Aumentada 	
Configuração de Mãos 		Localização 	
Libras 			
ASL 			
LSch 			
LSA 			
Categoria	Biossegurança, Química	Classe Gramatical	Substantivo
Definição em português	Conjunto de equipamentos e instalações padronizados para conter organismos ou microrganismos patogênicos e proteger a saúde humana, animal e ambiental.		
Link QR: Conceito		QR: Exemplo	
			

Fonte: Francisco (2022).

A análise do termo “barreira de contenção” sinalizado em Libras (figura 2), que representa os conceitos de impedimento físico, bloqueio ou isolamento, demonstra que sua realização parte de uma construção ancorada na experiência do corpo, ou seja, na maneira como os indivíduos compreendem conceitos abstratos a partir de suas vivências físicas e espaciais no mundo.

Articulado com as mãos posicionadas diante do corpo, como se simulassem o fechamento de um portão ou a interposição de uma grade, o sinal projeta uma metáfora visual concreta: a de uma barreira protetora. Essa configuração evoca a imagem de elementos físicos que impedem a passagem – como cercas ou muros – e traduz funcionalmente a ação de conter ou interromper o fluxo entre dois espaços distintos. A movimentação das mãos reforça essa interpretação, sugerindo a instauração de um limite tangível, quase palpável, que divide o espaço em dois domínios: o protegido e o ameaçador.

O espaço de realização do sinal, situado no plano neutro à frente do tórax, adquire função simbólica ao operar como um referencial topológico. O corpo do sinalizante passa a representar o “interior” a ser resguardado, enquanto o espaço externo, que se projeta à frente das mãos, assume a conotação do “fora”, entendido como uma possível ameaça. Essa organização espacial reforça a metáfora da barreira como uma zona de contenção que atua para preservar a integridade de um determinado território simbólico – neste caso, o próprio corpo.

Do ponto de vista da iconicidade, o sinal é altamente motivado. Sua forma e movimento reproduzem visualmente a função daquilo que representa, promovendo uma correspondência direta entre a estrutura do gesto e o conceito de contenção. Essa relação entre forma e significado não é arbitrária, mas baseada em experiências perceptivo-motoras partilhadas, nas quais os indivíduos reconhecem a função de um obstáculo a partir da maneira como este se manifesta no espaço.

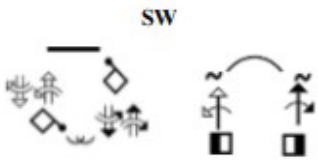
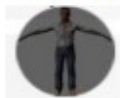
Assim, o corpo participa da construção do significado, além de ser um meio expressivo da experiência metafórica, conforme propõe a linguística cognitiva. Nesse contexto, a corporeidade opera como fundamento da representação simbólica: o corpo do sinalizante deixa de ser apenas suporte para se converter em um componente ativo da construção do sentido, encarnando e projetando, por meio do gesto, uma compreensão espacializada e funcional dos conceitos de bloqueio, contenção e isolamento.

Se a aplicação do sinal “barreira de contenção” estiver contextualizada no discurso ou comunicação, destaca-se a perspectiva de Bernardino *et al.* (2020), ao afirmarem que “uma ação construída, diferentemente de gestos espontâneos, segue uma série de regras que delimitam a sua elaboração”. Sinais criados em áreas técnicas ou científicas não emergem de maneira aleatória ou meramente intuitiva, pelo contrário, são fruto de um processo linguístico sistematizado.

Para as autoras, o “espaço que fundamentaria o discurso no momento de sua ocorrência seria a BASE, e a partir dela outros espaços mentais seriam criados para falar de outras informações que extrapolem o contexto imediato” (Bernardino *et al.*, 2020, p. 3). Essa noção de *base* como ponto de ancoragem discursiva é fundamental para compreender como os sinais em Libras são organizados no espaço. No caso de termos técnicos, como “barreira de contenção”, essa base atua como ponto de partida para a introdução de conceitos correlatos, facilitando a organização espacial e temporal das informações e permitindo uma comunicação mais precisa e eficiente no contexto bilíngue.

A seguir, na figura 3, o termo “imunidade” sinalizado em Libras, que também foi analisado sob a ótica da linguística cognitiva.

Figura 3: Ficha do termo “imunidade”

60	FICHA TERMINOLÓGICA		
Termo: Imunidade; Immunity; Inmunidad			
		Realidade Aumentada 	
Configuração de Mãos 		Localização 	
 Libras			
 ASL			
 LSch			
 LSA			
Categoria	Biologia, Saúde	Classe Gramatical	Substantivo
Definição em português		Resistência usualmente associada à presença de anticorpos que têm o efeito de inibir microorganismos específicos ou suas toxinas responsáveis por doenças infecciosas particulares.	
Link QR: Conceito 		QR: Exemplo 	

Fonte: Francisco (2022).

O sinal “imunidade” representa um mecanismo de defesa interna, a sinalização parte de um ponto central do tórax, simbolizando o “interior do corpo”, e se projeta para fora, sugerindo uma ação de proteção. Essa construção gestual evoca a ideia de imunidade como uma resposta ativa do corpo frente a ameaças externas, reforçando a concepção do corpo como domínio de segurança, conceito central na linguística cognitiva.

A organização dos sinais nas línguas de sinais se mistura com a organização dos gestos, pois se apresentam na mesma modalidade, diferentemente das línguas faladas. Nessas línguas, quando analisamos um sinal, observamos as formas com que se apresentam as mãos e os movimentos associados a elas [...] podemos apontar o uso da referência explícita através da apontação por meio do dedo indicador. (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009, p. 15).

O corpo é utilizado como referência espacial e simbólica: o centro do tórax indica o local interno de origem da proteção, enquanto os punhos fechados à frente do peito demonstram a força e o bloqueio contra possíveis invasores. Há um claro esquema imagético fonte-caminho-meta: o movimento parte do centro do corpo (fonte), percorre um trajeto de organização (caminho) e culmina na formação de uma barreira protetora (meta).

Por sua vez, entende-se que o espaço diante do tórax é explorado como campo de ação simbólico do sistema imunológico, colocando o corpo como cenário e agente do significado, assim como o uso dos punhos fechados ativa a metáfora de resistência e combate, na qual o corpo não apenas expressa, mas também corporifica o conceito de defesa.

No que se refere à iconicidade, ela se apresenta de forma mais abstrata, mas ainda assim fortemente motivada. O sinal mostra uma ação interna de defesa, sem representar diretamente células ou vírus, mantendo-se ancorado na experiência sensório-motora. Trata-se de uma metáfora visual do invisível: um fenômeno microscópico é traduzido em uma sinalização acessível à percepção visual, mobilizando elementos cognitivos como projeção, força e controle interno. Embora o sinal seja relativamente abstrato, é fortemente motivado pela experiência intuitiva do funcionamento do sistema imunológico.

Por fim, podemos visualizar que as fichas terminológicas elaboradas por Francisco (2022) seguem um tipo de organização para o registro do sinal-termo, pois representam informações que seguem as condições paramétricas e aspectos lexicográficos para o registro do léxico das línguas de sinais e, por isso, a definição do termo vai além dos elementos de constituição dos verbetes.

5. Interface com os Estudos da Tradução e da Interpretação

A construção de glossários bilíngues (Libras-Português) se insere diretamente no campo tradutológico, dado que envolve a transposição de conceitos e termos de uma língua para outra, respeitando suas particularidades culturais, contextuais e linguísticas. Ribeiro (2021, p. 193) menciona “processos cognitivos complexos no exercício da tradução e interpretação entre Língua Portuguesa e línguas de sinais, que podem ser identificados e explicados pelos modelos cognitivos de uma língua

visuo-corpórea-espacial”. Portanto, entende-se que a construção de sentido se dá pelo uso do corpo (especialmente mãos, rosto e espaço ao redor do corpo), da visão e da organização espacial para representar ideias, relações e conceitos.

Ribeiro (2021) afirma que, à medida que os processos cognitivos amadurecem, o profissional tradutor-intérprete desenvolve uma habilidade fundamental para aprimorar sua performance tradutória: a simulação mental. Essa habilidade refere-se à capacidade de antecipar mentalmente, por meio de imagens, aquilo que será dito ou sinalizado durante o processo de tradução. Em suma, trata-se de uma ferramenta que contribui para a produção comunicativa, pois permite que o intérprete se prepare com antecedência para lidar com os desafios da interpretação simultânea.

Nesse sentido, a construção de glossários bilíngues precisa e contextualizada de sinais-termo possibilita maior precisão e clareza na comunicação entre diferentes linguagens e, consequentemente, nas práticas tradutórias e interpretativas, que frequentemente demandam a tradução de informações técnicas e de difícil acesso. Ademais, é importante destacar que os intérpretes de Libras, ao se depararem com termos específicos no contexto da saúde, por exemplo, necessitam de um repertório consistente e atualizado de sinais que correspondam adequadamente ao vocabulário técnico, garantindo a efetividade da interpretação.

Por sua vez, Machado, Wanzeler e Pinheiro (2021, p. 116) evidenciam em seus resultados que “no decorrer da prática da interpretação simultânea vocalizada acaba colecionando por meio de experiências as estratégias linguísticas e cognitivas de como atuar no contexto educacional a partir das falas-sinalizadas dos alunos surdos”, ou seja, quando o intérprete traduz em tempo real – da Libras para o português oral – favorece o acúmulo de experiências que vão além da simples técnica de tradução.

A prática da interpretação se transforma em um processo onde o intérprete desenvolve habilidades de mediação linguística e cultural a partir das demandas reais da comunicação. Esse argumento é reforçado por Bernardino *et al.* (2020, p. 23), que definem a ação construída como uma estratégia linguística cultural em que “é possível conduzir o interlocutor para os diferentes espaços mentais criados e deixar as referências mais evidentes no discurso”.

Portanto, verifica-se que a análise da corporeidade presente na construção dos sinais nas fichas terminológicas de Saúde e Biossegurança está diretamente alinhada às contribuições da linguística cognitiva nos estudos tradutórios e interpretativos entre a Língua Portuguesa e a Libras. A construção de sentido se conecta ao uso do corpo como ferramenta expressiva e cognitiva e, assim, ao construir glossários bilíngues, a atenção à corporeidade dos sinais – expressa por movimentos, configurações de mão, expressões faciais, entre outros parâmetros – revela-se essencial para garantir que os sinais-termo reflitam com precisão os conceitos técnicos a que se referem.

Considerações finais

Nesta pesquisa, foram trazidos conceitos e definições importantes que esclarecem a respeito da Libras e sua linguística de um modo geral. As representações multimodais de dicionários e materiais didáticos permitiram observar que estes interagem com as demandas da língua, especialmente pelo aspecto visual e as ilustrações dos termos em Libras. Espera-se que sejam elaborados cada vez mais materiais (bilíngues/trilíngues/multilíngues) que façam uso dos recursos visuais – como as ilustrações dos sinais – e que também atendam às estruturas (micro e macro) que são necessárias em sua composição.

Diante das análises apresentadas, é possível afirmar que este estudo alcançou seu objetivo, ao identificar, no processo de elaboração e organização de sinais-termo, construções linguísticas que evidenciam a corporeidade como um princípio estruturante da Libras. Verificou-se que o corpo, mais do que um suporte físico, atua como elemento ativo na produção de sentido, contribuindo para a construção semântica dos sinais. Ademais, a articulação com teorias linguísticas vinculadas aos estudos cognitivos corporificados permitiu descrever e compreender, com maior precisão, os mecanismos cognitivos e gramaticais envolvidos na criação de sinais técnicos voltados às áreas da Biossegurança e da Saúde.

Quanto à corporeidade, observa-se que o corpo atua como parte integrante do signo: em ambos os sinais analisados no material de Francisco (2022), atuam como componentes ativos da construção semântica, delimitando espaços, estabelecendo direções e reforçando os significados expressos. A forma desses sinais é diretamente influenciada pelas experiências que temos com o nosso próprio corpo e sentidos, ou seja, eles se baseiam em vivências físicas reais. Assim, a relação entre o sinal e o significado é natural e compreensível, porque parte de sensações e movimentos que todos conhecemos.

Além disso, o espaço de sinalização é empregado como um verdadeiro domínio semântico: ao utilizar a região à frente do corpo como campo de atuação simbólica, o sinal torna visível a localização de conceitos que, de outra forma, seriam abstratos. Essa construção revela que o pensamento em Libras não é apenas sequencial ou gramatical, mas profundamente visual, espacial e sensorial – uma linguagem ancorada na experiência corpórea e perceptiva humana.

Referências

- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ARRUDA, Francisco Edmar Cialdine. *Elementos microestruturais para um vocabulário didático dos termos das ciências biológicas para alunos surdos do ensino fundamental*. 2009. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 1990. *Anais [...]* Brasília: CNPq/Ibict, 1990.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida *et al.* A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. *Signótica*, v. 32, e62990, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/Sig.v32.62990>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. *Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2002.

BRASIL. *Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Diário Oficial da União, 2005.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

BRITO, Higor Pereira de; SOUZA, Renne Imar de Melo; ABREU, Walber Gonçalves de. Análise de iconicidade das variantes do termo coronavírus em língua brasileira de sinais – Libras. *Revista do GELNE*, Natal, v. 23, n. 2, pp. 5-16, jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2021v23n2ID23978>

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. *Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira baseado em linguística e neurociências cognitivas*. São Paulo: Inep/CNPq/Edusp, 2009.

CAPOVILLA, Fernando César *et al.* *Dicionário da língua de sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* – 3 volumes. São Paulo: Edusp, 2019.

CINTI, Cíntia Débora de Moraes; RODRIGUES-PEREIRA, Renato. A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e aplicadas. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 7, p. e0704, 2022. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex-v7a2021/22-4>

DA SILVA, Rúbia Carla. *A gramaticalidade da Libras em contextos informais*. Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/handle/123456789/1881> Acesso em: 28 abr. 2025.

FERREIRA, Flancieni Aline Rocha. A corporificação presente nos sinais da Libras: uma abordagem da linguística cognitiva. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, n. 58, Supl., p. 51-60, jan.-abr. 2014.

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes. *Glossário multilíngue de sinais-termo: materiais e recursos na área de biossegurança*. 2022. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências e Biotecnologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. *Linguística e ensino do português*. [Tradução de Rodolfo Ilari]. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago-IL: University of Chicago Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226026992.001.0001>.

KNAPP, Mark L.; HALL, Judith A. *Comunicação não verbal na interação humana*. São Paulo: JSN, 1999.

KRESS, Gunther. 'Partnerships in research': multimodality and ethnography. *Qualitative Research*, v. 11, n. 3, pp. 239-260, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/1468794111399836>

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. [Tradução de Ivone Castilho Benedetti]. São Paulo: Educ, [1980] 2002.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive grammar – a basic introduction*. Oxford-UK: Oxford University Press, 2008.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso; MATOS, Carine Gurunga de; SAMPAIO, Thamires Oliveira de Souza. Sinal, classificador e ação construída em Libras: um estudo sobre consciência linguística. *Id on Line Revista de Psicologia*, v. 15, n. 54, pp. 233-249, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14295/online.v15i54.2937>.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro; WANZELER, Leandro Alves; PINHEIRO, Ruteia Gusmão. Os desafios linguístico-cognitivos na tarefa da interpretação vocalizada da Libras para língua portuguesa no contexto educacional. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 30, pp. 99-119, 2021. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/os-desafios-linguistico-cognitivos-na-tarefa-da-115tk9k8hk.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2025.

NAVARRO, Sandra. Lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia – entenda a diferença! *Tradlitteris*, 19 fev. 2010. Disponível em: <https://navarrosandra.wordpress.com/2010/02/19/lexicologia-lexicografia-terminologia-e-terminografia-entenda-a-diferenca>. Acesso em: 28 abr. 2025.

PRADO, Lizandra Caires do; OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso Lessa de. Aspectos gramaticais dos elementos localizadores em Libras. In: X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 2013, Vitória da Conquista. *Anais [...]*, 28-30 ago. 2013, pp. 3285-3291. Disponível em: <https://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3272/2974>. Acesso em: 28 abr. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Artmed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. *Língua brasileira de sinais I*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificca/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

REY-DEBOVE, Josette; MORAIS, Clóvis Barleta de. Léxico e dicionário. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2001 [Suplemento (1984)].

RIBEIRO, Veridiane Pinto. Linguística cognitiva e línguas de sinais: por uma tradução visuo-corpórea-espacial. *Espaço*, Rio de Janeiro, n. 55, pp. 191-210, jan.-jun. 2021.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. esp., pp. 203-220. jul.-dez. 2006.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza *et al.* Emoções na comunicação com surdos. *Espaço*, Rio de Janeiro, n. 40, pp. 16-27, jul.-dez. 2013.

SANTOS, Ricardo Yamashita. Estudos da linguagem e mente corporificada: uma nova proposta gramatical. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, pp. 11-25, 2011.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Sinais adjetivos da Libras em uma abordagem cognitiva. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 15, n. 32, pp. 180-200, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v15i32.35890>.

SILVA, Lislayane Oliveira; SILVA, Willian Costa da; MELO, Lillian Gonçalves de. Desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo no processo de aquisição da língua de sinais – Libras. *Humanidades*, v. 4, n. 1, pp. 91-104, 2015.

SKLIAR, Carlos. Bilinguismo e biculturalismo – uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos. *Revista Brasileira de Educação*, n. 8, pp. 44-57, 1998.

STROBEL, Karin Lilian. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SZE, Felix; LEE, Jafi. *Comparing basic constituent orders of Hong Kong Sign Language and Sri Lanka Sign Language*. Paper presented at the 13th China International Conference on Contemporary Linguistics, East China Normal University, Shanghai, 22-24, October 2010.

TUXI, Patricia. Terminografia nas línguas de sinais: uma proposta de organização e registro de glossários bilíngues. *Fórum*, Rio de Janeiro, n. 37, jan.-jun. 2018.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, pp. 119-147, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1515/cogl.2004.005>.